

O valor das coisas



Não vejo nem revejo as minhas contas por uma questão de preguiça. Dou-me tão mal com os números que evito fazer contas e, normalmente, dou sempre como bom aquilo que me é apresentado. Não é por uma questão de confiança no resto do mundo, repito, é por preguiça. Que me lembre fui vítima de dois roubos. Um homem da minha idade que contabiliza dois roubos na sua vida creio que se pode dar por muito satisfeito.

O relógio foi assim: na morte de um tio meu quiseram que um relógio de ouro ficasse para mim – era um desses relógios que se usavam no bolso do colete presos com uma corrente que saía do bolso e atravessava a barriga com todo o esplendor. Este relógio para nós já não era cómodo e há que convir que um relógio de pulso é muito mais barato e fácil de transportar.

Eu vivi uns tempos numa casa da Serra de Sintra num sítio a que chamavam A Tapada do Saldanha porque diziam que ele tinha vivido lá. (Por sinal, o Vitorino Nemésio, uma vez que me foi visitar, contou-me logo uma história: que o Alexandre Herculano, ao escrever uma carta a um amigo com quem estava em falta, começou assim: “Eu estive para pedir uma cara emprestada ao Saldanha, para lhe escrever esta carta”.) Essa casa de Sintra era uma casa aberta: viviam lá alguns amigos meus e os amigos dos amigos também iam por lá. O relógio estava como ornamento em cima de uma cómoda e, um dia, o relógio desapareceu. Felizmente que não sabia o valor do relógio porque se soubesse ficaria se calhar a pensar nisso. Eu fiquei aborrecido porque, em princípio, todos que lá viviam eram gente de confiança mas os amigos que lá iam, pelos vistos, não eram de confiar. O relógio desapareceu e eu, possivelmente, estive uns dias a pensar nisso mas depois passou-me.

O outro roubo foi para mim muito pior: eu tenho uma espécie de tara pelas memórias e confissões do Nelson Rodrigues. Tinha os livros todos dele mas um deles, *A Cabra Vadia*, estava esgotado há muito e demoravam a fazer uma edição nova. Uma vez, no Rio de Janeiro, quando fui visitá-lo fiz-lhe o pedido: se ele, por acaso, não tinha um exemplar desse livro que para mim era então uma preciosidade. O Nelson foi lá dentro e traz a *Cabra Vadia* um bocado amachucada, com a capa rasgada mas completo. Abriu a primeira página e escreveu assim: “Para o António Alçada Baptista, meu irmão íntimo, com o afecto e a admiração do Nelson Rodrigues.”

Este livro foi logo promovido a preciosidade da minha biblioteca. Mostrei-o, de capa aberta, a quem me visitava. Havia alguns que não escondiam a sua inveja porque, naquele tempo, havia alguns para quem um livro e a amizade do Nelson eram uma coisa valiosa. Confesso que, naquela altura, me lembrei do relógio de ouro mas não se comparava com a folha do livro do Nelson. E pensei muito nisso: no desgosto que tinha com o desaparecimento da folha, enquanto o relógio de ouro me deixara quase indiferente.

O valor das coisas não vem do que custam na praça mas tem mais que ver com a maneira como estão ligadas ao nosso coração. ■